Anexos

- Anexo 1: Dicionário da Bíblia publicado por F. Vigouroux, 1908, Paris; fascículo III, p. 750.
- Anexo 2: Marco Sales, exegeta dominicano italiano
- Anexo 3: A palavra «Apocalipse» no Dicionário de Teologia Católica (tomo I) de E. Mangenot
- Anexo 4: A palavra «profecia» no Dicionário de Teologia Católica (t. XIII) de E. Mangenot

Anexo 1: Dicionário da Bíblia publicado por F. Vigouroux, 1908, Paris; fascículo III, p. 750.

Aqui está um rápido resumo:

«VI. Interpretação do Apocalipse... divisão em **três classes** entre os intérpretes: [...]

A **primeira** classe - O Apocalipse abrange **toda a história da Igreja** e celebra os triunfos que Cristo obteve sobre seus inimigos nas diversas épocas dessa história [...]

A **segunda** classe - Nenhum intérprete antigo se junta a ela. Ela coloca o cumprimento da maior parte das predições do vidente de Patmos na queda do judaísmo e do politeísmo; apenas os últimos capítulos falam sumariamente sobre **o fim do mundo**. [...]

A **terceira** classe - Vê em todo o Apocalipse a **predição dos destinos últimos da Igreja no tempo do Anticristo**, enquanto a história da época primitiva da Igreja é apenas levemente abordada e de passagem. Muitos dos Padres da Igreja compartilham essa opinião: Irineu, Hipólito, Agostinho, André de Cesareia, Arétas, Victorino, Primásio, Beda [...]».

Que o Apocalipse seja «**uma explicação sobre toda a revelação sobre Jesus Cristo, desde a criação até a fundação da Igreja**» é uma **opinião desconhecida** no Dicionário Bíblico de Vigouroux.

Anexo 2: Marco Sales, exegeta dominicano italiano

Aqui estão algumas citações de autores sobre o mesmo assunto. Vamos primeiro ao exegeta dominicano Marco Sales, que, na Itália, é uma autoridade. Ele é, de fato, o equivalente a Fillon na França: «**O Apóstolo São João dá a seu livro o nome de Apocalipse, ou seja, Revelação, e diz explicitamente que ele trata das coisas futuras**, as quais devem em breve se cumprir. Por essa razão, o apóstolo também chama seu livro de **profecia**, e em todos os tempos o Apocalipse sempre foi considerado um livro **profético**».

O autor afirma que há muitas obscuridades e conclui da seguinte forma: «Portanto, o Apocalipse é um dos livros mais difíceis de interpretar e, apesar da aplicação e dos estudos de tantas gerações, os exegetas estão bem longe de concordar sobre o significado exato das diferentes visões descritas, **embora todos concordem que o tema principal do Apocalipse é a segunda vinda de Jesus Cristo no final dos tempos**. Todos os exegetas reconhecem que no Apocalipse há uma unidade de propósitos, e que todas as diferentes partes tendem a um mesmo fim, a saber, o triunfo de Jesus Cristo e de seus eleitos» e «Devem ser rejeitados todos esses sistemas racionalistas que negam o caráter profético do Apocalipse, e supõem que o autor não quisesse fazer nada além de escrever um poema religioso reunindo os diferentes elementos dos Apocalipses judaicos ou da mitologia. Devem ser rejeitados também todos esses sistemas que afirmam que o Apocalipse não trata de outra coisa senão da história contemporânea contada sob forma profética» (página 613 da Sacra Bibbia).

Se Marco Sales rejeita esses sistemas, o que diria ele sobre um sistema que diz que o Apocalipse fala do passado? Além disso, quando esse autor resume as diferentes interpretações em três classes - praticamente as mesmas que todos os outros - e diz que, é claro, todas falam do futuro, **ele não considera sequer um sistema que falaria do passado!**

Nos *Commentarii in Sacram Scripturam* (edição Pelagaud e Lesne, Lyon, 1840), encontramos isto: Apocalipse (*Apocalypsis, id est revelatio...) : « Apocalypsis, inquam, sive revelatio eorum "quæ oportet fieri cito," hoc est, quæ cito incipient fieri, licet non cito finientur. Nam persecutiones Christianorum, quæ hic revelantur, coeperunt sub Trajano, qui post Nervam succesit Domitiano, et terminabuntur in fine mundi. [...] »* (o Apocalipse, ou seja, a revelação... o Apocalipse, digo, ou **a revelação das coisas que devem acontecer em breve, ou seja, que começarão a acontecer em breve, mas não terminarão em breve**. De fato, as perseguições aos cristãos que são reveladas aqui começaram sob Trajano, o qual, após Nerva, sucedeu a Domiciano, e terminarão no fim do mundo).

Anexo 3: A palavra «Apocalipse» no Dicionário de Teologia Católica (tomo I) de E. Mangenot

Col 1471

São João apresenta ele mesmo seu livro como uma revelação que recebeu, Apoc., I, 1, e como uma profecia, Apoc., I, 3.

São Irineu, em seu *Contra hæreses*, expôs **sobre o fim dos tempos ideias emprestadas em parte do Apocalipse**.

Col 1474 - 4 -

Em seu comentário sobre o Apocalipse, Nicolau de Lyra inaugurou, em 1329, uma nova época. A seus olhos, a profecia de São João é a predição de **toda a história da Igreja desde sua fundação até o fim dos tempos**.

Col 1474 - 5 -

O início do Apocalipse diz respeito à época mais próxima do autor, mas a maior parte do livro não se realizará senão no fim do mundo, que será precedido pela vinda do Anticristo.

Col 1475

Desde a segunda metade do século XVIII, **os racionalistas deixaram de ver no Apocalipse uma profecia do futuro**; eles o reconheceram como uma história, escrita sob forma simbólica e apocalíptica. O autor fala, portanto, exclusivamente de seu tempo, a saber, da luta da Igreja contra o império pagão de Roma, figurado por Babilônia e pela besta.

Col 1476

Se os comentaristas discutem o sentido de suas visões simbólicas, **eles concordam em reconhecer ensinamentos precisos sobre** Deus, Jesus Cristo, a Igreja, os anjos **e o fim dos tempos**.

Se tivéssemos que escolher entre um grande número de interpretações ou simplesmente indicar nossas preferências, estaríamos fortemente impedidos. Sem fixar nossa escolha, **afastaríamos toda explicação que seja inconciliável com o caráter profético, que a tradição constante da Igreja reconheceu ao Apocalipse.**

Col 1478 III Igreja

Todo o livro do Apocalipse tem como objetivo descrever as lutas da Igreja contra o paganismo e seus outros adversários, **com seu triunfo final**.

Col 1478 V O fim dos tempos

Os ensinamentos relativos à consumação final são mais ou menos completos e mais ou menos detalhados, conforme se **aplique o Apocalipse aos últimos tempos**, a partir do capítulo IV, do capítulo XIII ou apenas do capítulo XX.

... Portanto, relataremos **somente ao fim do mundo os últimos capítulos do Apocalipse**.

Anexo 4: A palavra «profecia» no Dicionário de Teologia Católica (t. XIII) de E. Mangenot

Col 709 – 710

No *De veritate*, Santo Tomás, inspirando-se em Cassiodoro, in Psalt., praef, c. I, P. L., t. XIX, col. 12, dá uma definição da profecia entendida no sentido muito estrito, cujos elementos a distinguem de toda "profecia" humana: *divina inspiratio, rerum eventus immobili veritate denuntians*. Cf. II-II, q. CLXXI, a. I, obj-4: Deus é o princípio imediato (que, no entanto, se adapta ao ministério intermediário dos anjos) do conhecimento verdadeiramente profético. *Rerum eventus... denuntians* : trata-se de um conhecimento que revela os elementos futuros, mesmo indeterminados, enquanto que uma "profecia" natural não pode ter como objeto senão eventos mais ou menos determinados já em suas causas. *Immobili veritate*: a profecia natural sempre possui algum aspecto de incerteza, enquanto que a **verdadeira profecia prevê os eventos futuros de uma maneira absolutamente infalível.**

Col 713: Últimas precisões, consagradas pelo concílio do Vaticano [I] e as decisões recentes da Comissão bíblica

O argumento profético, tomando como ponto de partida a profecia entendida em seu sentido muito estrito – conhecimento sobrenatural e predição de um evento futuro imprevisível – foi definitivamente consagrado no concílio do Vaticano. Deve-se consultar os textos conciliares reproduzidos no art. MILAGRE, t. X, col. 1799. Na constituição Dei Filius, o concílio coloca as profecias no mesmo plano que os milagres, e as chama de "argumentos externos da revelação", "fatos divinos... que, porque manifestam de maneira excelente a onipotência divina e sua ciência infinita, são sinais muito certos e apropriados para a inteligência de todos". E, como confirmação de sua afirmação, o concílio traz o texto de II Pedro, I, 19: *Habemus firmiorem propheticum sermonem, cui bene facitis, attendentes quasi lucernae in caliginoso loco*. C. III, De fide, Denz-Banw., n. 1790. Essas ideias se encontram na fórmula antimodernista de Pio X. Ibid., n. 2145. Veja o art. MILAGRE, col. 1799. Desde, os decretos da Comissão bíblica sobre Isaías (29 de junho de 1908), dub. I-III; sobre os salmos (1 de maio de 1910), dub. VIII; sobre o sentido do salmo XV, 10-11 (1 de julho de 1933), dub. I; sobre as predições propriamente ditas contidas nesses escritos, mostram bem em que sentido a autoridade eclesiástica entende a palavra profecia em

apologética…

Mas há mais: o concílio entende por profecia não a manifestação de toda verdade revelada, mas o anúncio de um evento futuro. De fato, na primeira redação do texto conciliar, os teólogos usavam não a palavra *prophetiæ*, mas a palavra *vaticinia*, que, em seu significado primário, significa "anúncio do futuro". Além disso, o que lemos no decreto relativo à força probante das profecias não seria exato se a profecia devesse ser entendida no sentido de manifestação de qualquer verdade revelada, enquanto que tudo é verdade das profecias entendidas no sentido muito estrito.

A constituição, de fato, declara que as profecias reconhecem a revelação divina, da qual são, como os milagres, sinais muito certos e apropriados para a inteligência de todos. **Ora, a manifestação de qualquer verdade revelada não preencheria essas condições. O anúncio de eventos futuros, indeterminados em suas causas próximas, e, portanto, naturalmente imprevisíveis, constitui, pelo contrário, uma prova da revelação. Esses eventos só podem ser conhecidos por Deus; pois tratam-se de futuros contingentes, cuja conhecimento requer a ciência infinita de Deus. A profecia, entendida nesse sentido, é, portanto, realmente uma prova da intervenção divina, tão certa quanto a prova dos milagres de ordem física.**

… É que, precisamente, apoiando-se nas profecias para demonstrar a verdade da revelação cristã, ele se detém com complacência nas profecias messiânicas que a II Pedro tem em vista: "Possuímos os oráculos dos profetas, cuja certeza é firmada (*firmiorem propheticum sermonem*), sobre os quais é bom que fixem seus olhares, como uma lâmpada que brilha em um lugar tenebroso". Evidentemente, este texto apresenta as profecias messiânicas do Antigo Testamento como uma excelente prova da divindade da missão e da pessoa de Jesus Cristo.

Col. 715

O verdadeiro profeta, no sentido pleno da palavra, conhece ele mesmo essa luz profética que o ilumina, e sua certeza das coisas por ele preditas é absoluta. Como poderia ele falar aos homens em nome de Deus?